

O DISCURSO MUSICAL DOS ALUNOS: UM ENSAIO SOBRE A DIVERSIDADE NAS SALAS DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Vinícius Pereira Rodrigues

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

rodriquesviniciusp@gmail.com

Resumo: Esse texto é parte integrante de uma revisão bibliográfica realizada em pró de uma pesquisa de mestrado em música em andamento, na linha de concentração da educação musical. Buscou-se realizar uma reflexão sobre o discurso musical dos alunos na diversidade das salas de aula da educação básica brasileira. A partir das questões trazidas por Jardim (2007) no documentário “Pro dia nascer feliz”, e, por meio de Alvares e Amarante (2016), procurou-se discutir a respeito da *educação musical na diversidade*. Logo, tomando como base os conceitos inerentes a Bévort e Belloni (2009); Freire e Guimarães (2013); Swanwick (2014), considerou-se a mídia como uma ferramenta conveniente a um ensino musical sociável e democrático. Arelado a isto, seguindo os pressupostos de Bauman (2010), foi trazido à tona questões concernentes a educação musical na sociedade líquido-moderna. Por último, por intermédio de Amarante e Pande (2015), levantou-se indagações sobre problemas como a indisciplina em sala de aula. Por meio desse ensaio foi possível concluir que educar no Brasil é sinônimo de se educar na diversidade, e, para que se efetive um ensino sociável e democrático, os professores precisam atentar-se aos diferentes discursos musicais em sala de aula, nesse sentido, acredita-se que a mídia possa vir a ser uma ferramenta para tal. Consequentemente, devido aos problemas peculiares à sociedade líquido-moderna, os professores devem procurar fazer de suas aulas ambientes interessantes e atrativos aos alunos.

Palavras chave: Educação musical, Diversidade, Discurso musical.

Educação musical na diversidade

A educação básica brasileira é extremamente diversificada em seus distintos contextos. Isso se deve à diversidade do país como um todo, devido a fatores como o extenso tamanho territorial, desigualdades socioeconômicas entre suas regiões, estados, cidades, etc. À exemplo disso, no documentário “Pro dia nascer feliz” de João Jardim (2007), no qual é discutido o sistema educacional brasileiro, descrevendo realidades de diferentes âmbitos sociais, econômicos e culturais, é possível constatar o abismo real entre escolas públicas e privadas em alguns

contextos dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. Assim, esse documentário aborda as múltiplas perspectivas de um Brasil fundamentado na diversidade.

Particularmente, em um caso do estado de Pernambuco, vários estudantes enfrentam, diariamente, a dificuldade de locomoção de suas casas à escola, pois ambas são separadas por quilômetros de distância. E, além do mais, a estrutura física do prédio escolar é extremamente precária, bem como o transporte escolar muitas vezes não consegue completar o trajeto até a escola devido a problemas oriundos de seu estado deficiente. Ainda, nesse contexto específico do estado de Pernambuco, somado a todos esses percalços, existe um notório desinteresse à prática do ensino e aprendizagem por parte tanto dos alunos quanto dos professores.

Por outro lado, o documentário aborda a situação de uma escola do Rio de Janeiro sobre a qual a realidade muda consideravelmente. Saltam-se aos olhos outros fatores e dificuldades influentes no processo de ensino. Nesse caso, além de desinteresse entre alunos e professores, a violência, o envolvimento com o crime e as drogas, bem como a falta de respeito por parte dos alunos, são problemáticas que se fazem eminentes. Em contraponto, evidencia-se também, a realidade de uma escola privada no estado de São Paulo, na qual as condições físicas e econômicas são diretamente antagônicas às mencionadas anteriormente. Nesse contexto, é possível perceber outros problemas inerentes à prática educacional: pais ausentes no cotidiano escolar dos filhos, devido a demanda de trabalho; alunos com problemas psicológicos, e, preocupados com a aprovação em um vestibular.

Partindo dessa esfera diversificada da educação básica brasileira, como pensar a construção do discurso musical na diversidade das salas de aula? Para iniciar a discussão, tomar-se-á como referencial o conceito de *educação musical na diversidade* proposto por Alvares e Amarante (2016), que se contrapõe ao conceito de educação inclusiva em voga. Por meio disso, entende-se que: “em um sistema econômico e social que se baseia em desigualdades, haverá sempre seres humanos em situações desfavoráveis e marginais, isto é, a exclusão é inerente à desigualdade social” (p. 13). Desse modo, os professores precisam conscientizar-se das desigualdades nas salas de aulas brasileiras, e, com isso, buscar estratégias para emancipação dos alunos.

À luz desse conceito, Salgado e Alvares (2016) levantam as seguintes questões: em um contexto educativo qualquer, há entre professores e estudantes, uma diferença nos respectivos estilos de linguagem, conseqüentemente, nos respectivos discursos musicais. Assim sendo, como lidar com essa diferença? E, a partir disso, como construir uma educação musical sociável e democrática? Desse modo, os autores defendem que, por meio de uma busca cotidiana dos educadores em se expressarem mais claramente, levando em conta todo o hibridismo dos agentes envolvidos nos processos educacionais, é possível dinamizar os atos de reflexão sobre a diferença e a emancipação nas práticas musicais educativas.

Para agregar a essa discussão, acredita-se ser necessário considerar o que Freire (2011) propõe: “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (p.31). Nesse sentido, Swanwick (2003) ratifica essa ideia ao expor um dos princípios de educação musical dos quais defende: “considerar o discurso musical dos alunos (...). A conversação musical, por definição, não pode ser nunca um monólogo. Cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições” (p.66). Assim, se faz notório que, para trabalhar com a diferença de estilos de linguagem é preciso haver respeito e consideração por parte dos educadores aos saberes e discursos musicais de seus educandos.

Nesse sentido, Salgado e Alvares (2016) propõem que a diferença se faz inerente ao homem. Assim, as deficiências e o sofrimento psíquico são apenas algumas dessas diferenças, uma vez que, a educação na diversidade também leva em conta as desigualdades a nível religioso, cultural, de gênero e de etnias. À vista disso, sob o viés da educação na diversidade, “a escola, assim como a sociedade, seria organizada com fundamento nessas diferenças com uma construção de políticas sociais que englobam a diversidade” (SALGADO; ALVARES, 2016, p.45).

Acredita-se que, é de extrema relevância nutrir um olhar por meio da educação na diversidade. Assim, em aulas de educação musical, mais uma vez, a partir de Freire (2011), Swanwick (2003), supõe-se que, se faz necessário conhecer todo esse discurso musical diversificado dentro da sala de aula, e, respeitar os conhecimentos trazidos de antemão pelos alunos. Igualmente, por meio disso, construir o que Salgado e Alvares (2016) denominam de *Bordado Coletivo*, no qual, alunos e professores em parceria, devem buscar ouvir suas vozes. E,

nesse sentido, os professores precisam saber equilibrar as novas informações a serem compartilhadas com as inquietações trazidas por seus educandos. Dessa forma, construir um bordado coletivo levando em conta todos os pontos de vistas envolvidos no processo educacional.

Repertório e mídia

De uma maneira prática, mediante a construção do repertório de músicas a serem utilizadas em aulas de educação musical, é preciso investigar a música que os educandos trazem de casa. Logo, considerar, como ponto de partida, todos os discursos musicais, impostos pelas mídias, dos quais os alunos inevitavelmente se apropriam. Por esse ângulo, Bévort e Belloni (2009) ao se referir ao campo da Mídia-Educação, nos dizem que, as mídias fazem parte da cultura contemporânea, assim, para o efetivo exercício da cidadania, é preciso dela se apropriar crítica e criativamente. Nesse seguimento, “são, portanto, extremamente importantes na vida das novas gerações, funcionando como instituições de socialização, uma espécie de ‘escola paralela’” (p. 1083). Com isso, acredita-se que os professores devem levar em conta esse discurso midiático absorvido pelos alunos, com o cuidado de manter as aulas de educação musical interessante e atrativas. Ainda sob a perspectiva de Bévort e Belloni (2009), pressupõe-se que os alunos além de aprender coisas novas o tempo todo por meio das mídias, desenvolvem novas habilidades cognitivas, se tornando com isso, mais autônomos (p.1084).

Agregando-se a essa discussão, Freire e Guimarães (2013) refletem sobre os desafios e possibilidades de se educar por meio das mídias. Estes autores relatam que na década de 1970, em um contexto específico da educação básica brasileira, alunas de quatorze anos aproximadamente, levavam fotonovelas para escola e as liam escondidas sem o consentimento dos professores, os quais reprimiam tal prática, não levando em conta que isso poderia ser uma ótima ferramenta para o ensino da língua portuguesa. O mesmo acontecia com os meninos e seus gibis. A posteriori, essa realidade foi sendo rompida, e, os professores deste contexto relatado passaram a dar lugar a essas mídias trazidas pelos seus alunos e considerá-las ferramentas importantes para o aprendizado (p. 21-22). Isso pode nos levar a pensar que, em

muitos casos, em um primeiro momento, há uma espécie de rejeição, por meio dos professores, às novidades trazidas pelos seus alunos. Dessa forma, projetando-nos para a realidade vigente - segunda década do século XXI, em uma aula de educação musical, professores que dizem “não” ao aluno que propõe um *hit* de Funk Carioca ao repertório musical, por exemplo, em muito se assemelha aos professores da década de 1970 supracitados.

Contudo, deve-se levar em conta que, muitas das mídias utilizadas pelos alunos nos seus cotidianos, são dominadas por um grupo antipopular que não tem interesse em fomentar a capacidade crítica das grandes massas populares. O que acontece, muitas vezes, em lugar de uma comunicação real, é uma transferência de dados. Desse modo, como educadores políticos, que buscam a transformação em detrimento da alienação social, espera-se encontrar uma resistência à alta força manipuladora de alguns meios de comunicação (FREIRE; GUIMARÃES, 2013, p. 23-24). Isto posto, cabe ao professor, encontrar maneiras de conscientizar seus alunos dessa problemática, além do mais, isso pode ser uma fonte muito rica de discussões em sala de aula. Ademais, o fato de o gosto musical dos alunos serem diretamente influenciado por essas mídias, justifica a necessidade de reconhecer que elas não podem ser ignoradas, e que, para isso, a escola precisa ser mais flexível, considerando as diversas influências musicais evidentes, ao lançar o olhar para a utilização desses meios de comunicação (Idem, p. 29).

Partindo desse princípio, vale salientar o que Swanwick (2014) considera a respeito da *tradição cultural comum das comunidades escolares*. Segundo o autor, fatores como: “a extensão da educação para a idade do jovem adulto, a fragmentação das comunidades rurais tradicionais e o crescente desenraizamento e migração de povos de todo o mundo para novos lares” (p.32), são alguns dos coeficientes responsáveis por impossibilitar a especificação dessa tradição. Em consequência, devido ao transporte de informação em massa pelos meios de comunicação que a cada dia é mais acelerado, de certo modo, somos todos “refugiados culturais” (p.32). Assim, na perspectiva de Swanwick (2014), é possível considerar que uma cultura comum das comunidades escolares do nosso tempo é a cultura que os alunos se apropriam por meio das mídias (p.32).

O autor enfatiza ainda que, é favorável ao professor observar quanto a música – se os alunos aprendem através desse contato, sem obrigatoriamente o auxílio de um ensino formal, e,

nesse sentido, o professor estaria equivocado ao ignorar o conteúdo transmitido por esses meios de comunicação. Contudo, não seria prudente descartar que essa abordagem é um desafio na sala de aula, pois, a partir da apropriação dos meios de comunicação como ferramenta nas aulas de educação musical, surgem as mesmas questões que Swanwick (2014) levanta: “Quais estilos deveriam e podem ser usados na educação? Como deve um professor de música, isolado numa escola, lidar com as possibilidades?” (p. 34).

Para tentar traçar possíveis respostas a esses questionamentos, baseado em Salgado e Alvares (2016), leva-se em conta a necessidade de ouvir o discurso do *outro* em sala de aula, e, considerando que, o gosto musical é parte integrante desses discursos, essa escuta precisa ser praticada mutuamente, considerando a proposta de um *bordado coletivo*, no qual professor e alunos buscam construir suas teias de relacionamento em conjunto. Assim, professores de educação musical precisam estar atentos ao máximo do consumo midiático feito pelos seus alunos, e, mais do que ouvir o discurso de outrem, deve-se “aprender” esse discurso. Desse modo, espera-se que o professor seja capaz de dialogar com seus alunos do ponto de vista musical e criticamente a respeito do repertório midiático ofertado nos diferentes espaços sociais, no ambiente escolar e, sobretudo, no universo da música no Brasil. Acredita-se que essa postura em sala de aula pode ser encarada como um ponto de partida para um diálogo musical entre ambas as partes, no qual, o professor também tem o seu discurso que é proveniente de toda sua bagagem de estudos e escuta de repertório. O professor deve equilibrar essas informações, bem como, nunca ignorar as vozes de seus alunos.

Gozo descartável

Como já mencionado anteriormente, os professores devem sustentar o devido cuidado em manter as aulas de educação musical interessantes e atrativas aos seus alunos. Atualmente, na sociedade que Bauman (2010) denomina como *líquido-moderna*, essa ação se torna um desafio pungente. Acredita-se que, considerar o discurso musical dos alunos é de suma importância, porém, não deve ser a única busca para um aprendizado sociável e democrático em sala de aula, há mais o que se considerar, uma vez que, à sociedade atual como um todo, na qual os alunos

não se eximem da mesma, tem a tendência a descartar tudo com muita facilidade. Nesse sentido, Salgado e Alvares (2016) relatam que, muitos professores de educação musical, atualmente, narram a dificuldade em manter o interesse de seus alunos pelos assuntos estudados no âmbito escolar, inda que forem temas escolhidos pelos próprios estudantes. Configura-se desse modo, uma propensão a efemeridade do interesse, o que dificulta o aprofundar de qualquer questão (p. 57).

Por conseguinte, Bauman (2010) compreende a economia da sociedade líquido-moderna, como centrada no consumidor. Logo, percebe-se um envelhecimento acelerado das ofertas, conseqüentemente, uma transformação na economia do desperdício. Com efeito, a cultura da sociedade atual, igualmente, parece ter se tornado mais um dos departamentos das necessidades consumistas. Assim, recai-se ao conceito de *gozo descartável*, no qual, o consumismo atual não se ampara mais em acumulação de objetos, mas, em seu descarte após a perda de serventia. Por esse ponto de vista, em meio a tantas mudanças, o conhecimento durável torna-se tão quanto irrelevante. Por isso, a predisposição a romper depressa com os hábitos presentes torna-se tanto importante quanto o aprendizado de novos.

Nessas circunstâncias, como estabelecer uma relação profícua entre professor e alunos nas aulas de educação musical, na qual ambas as vozes possuam seu espaço, e sejam capazes de refletir sobre a liquidez em seus discursos musicais? Devido ao domínio do gozo descartável em nossas relações atuais, as gerações – crianças, jovens e adultos, se divergem na perspectiva de vida que partilham. Segundo Bauman:

“Não se espera mais, nem se presume, que os jovens ‘estão se preparando para ser adultos *como nós*’: eles são vistos como uma espécie muito *diferente* de pessoa, destinada a *permanecer* diferente ‘de nós’ por toda a vida. As diferenças entre ‘nós’ (os velhos) e ‘eles’ (os jovens) não são mais um problema temporário que vai se resolver e evaporar quando os mais novos tiverem (inevitavelmente) que encarar as coisas da vida. O resultado é que as velhas e as novas gerações tendem a se olhar reciprocamente com um misto de incompreensão e desconfiança” (BAUMAN, 2012, p. 64).

Com isso, levando-se em conta a atual conjuntura de nossa sociedade, os professores de educação musical precisam considerar que, o gozo descartável dos alunos é fruto das relações

superficiais e efêmeras da modernidade. Nesse sentido, é preciso esforçar-se continuamente a acompanhar essa corrida de novas possibilidades auditivas que os alunos travam. Manter uma aula interessante e atrativa demanda escutar o discurso musical dos alunos, discurso esse que muda drasticamente devido ao processo acelerado de informação. Por conseguinte, é necessário estimular a reflexão dos alunos sobre quem ou o que determina essa corrida de novas possibilidades que a todo tempo torna as coisas passadas ociosas.

Outros problemas e considerações finais

Um dos fatores, presente nas falas dos professores em geral, e que também pode ser constatado na fala de alguns no documentário “Pro dia nascer feliz”, que influenciam negativamente o bom andamento de um aprendizado, é o mau comportamento por parte dos alunos em sala de aula. Nesse sentido, Amarante e Pande (2015) dissertam que, usualmente, os problemas evidenciados na escola são enxergados como patológicos, assim, em muitos casos chegam a culminar em indicações prévias de diagnósticos ou de medicamentos psicotrópicos gerando uma *patologização dos problemas escolares*.

Esse quadro pode ser encarado como uma herança de alguns teóricos ativos na transição entre os séculos XIX e XX. Tem-se como exemplo o conceito de *anormalidade* de Binet e Simon, no qual, o anormal era identificado com base no comportamento escolar. Esses autores defendiam que:

A linguagem médica aplica o termo *anormal* a todo sujeito que se diferencia demasiadamente da média por constituir uma anomalia patológica. De fato, os anormais são um grupo completamente heterogêneo de crianças: seu traço comum [...] é que, por sua organização física e intelectual, são *incapazes de se beneficiar dos métodos comuns de instrução e de educação em uso nas escolas públicas*. Os tipos mais evidentes são constituídos pelos surdos-mudos, os cegos, os epiléticos, os idiotas, os imbecis, os débeis, os instáveis, etc. (BINET; SIMON apud AMARANTE; PANDE, 2015, p. 84).

Nesse sentido, observa-se, do termo *anormal*, uma definição ao mesmo tempo médica e pedagógica. A respeito dos alunos *instáveis*, esses autores afirmam ser: “[um] termo médico ao qual corresponde a expressão mais escolar de *indisciplinados*, são principalmente anormais

do caráter; eles se caracterizam por sua turbulência, seu bate-papo, sua falta de atenção, e às vezes por sua maldade” (idem).

Voltando-nos para a realidade vigente, segunda década do século XXI, esse conceito de anormalidade parece ser ainda fortemente atual. Quantas vezes rotulam-se alunos como incapazes por não se adaptarem aos métodos de ensino? Como se tem encarado os problemas cotidianos com os alunos instáveis? Há o cuidado de buscar compreender o real motivo desse comportamento, ou, a tendência é desistir no primeiro conflito em sala de aula? E o discurso musical dos alunos ditos anormais, estão sendo ouvidos?

A título de conclusão, e, para tentar responder essas questões, não se deve perder de vista que educar no Brasil é educar na diversidade. Várias são as configurações socioeconômicas e culturais espalhadas pelo território brasileiro, e, as salas de aula são repletas de diferentes e singulares discursos. Assim, por meio do bordado coletivo, os professores devem estar de ouvidos atentos ao discurso musical de seus alunos, respeitando os seus gostos e seus conhecimentos que compõe suas singularidades. Nesse ínterim, acredita-se que, abrir as portas da sala de aula, de uma maneira crítica e criativa de encontro à produção midiática parece de grande relevância, pois, ela configura parte integrante da cultura comum das comunidades escolares. Por fim, à luz de Bauman (2010), supõe-se que, muitos dos problemas encontrados dentro de uma sala de aula, tais como, desinteresse e incompreensão dos conteúdos por parte dos alunos, indisciplina, entre outros, são fruto da sociedade líquido-moderna em que se vive. E, para lidar com o gozo descartável, os professores necessitam buscar maneiras, a partir dos discursos envolvidos, de tornar suas aulas interessantes e atrativas.

Referências

ALVARES, Thelma Sydenstricker; AMARANTE, Paulo. *Educação Musical na diversidade: construindo um olhar de reconhecimento humano e equidade social em educação*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

AMARANTE, Paulo; PANDE, Mariana N. Rangel. Medicalização da educação ou pedagogização do comportamento? Um século de metamorfoses da relação entre saberes médico-psicológicos e pedagógicos. In: DANTAS, Jurema Barros (Org). *A infância medicalizada: discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida*. Curitiba: Editora CRV, 2015. Cap. 5, p. 77-102.

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. *Educação e sociedade*, Campinas, v.30, n. 109, p. 1081-1102, set-dez 2009.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PRO DIA NASCER FELIZ. Direção: João Jardim. *Produção*: Tambellini Filmes. Brasil: 2007.

SALGADO, José Alberto; ALVARES, Thelma Sydenstricker. Refletindo sobre práticas musicais educativas, diferença e emancipação. In: ALVARES, Thelma Sydenstricker; AMARANTE, Paulo (Org). *Educação musical na diversidade: construindo um olhar de reconhecimento humano e equidade social em educação*. Curitiba: Editora CRV, 2016. Cap. 2, p. 43-72.

SWANWICK, Keith. *Música, mente e educação*. Tradução: Marcell Silva Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. *Ensinando Música Musicalmente*. Tradução: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.